

A «TRIBUNA DA IMPRENSA» fez um trabalho bonito em seu suplemento «Nossa Cidade» de ontem, dedicado ao trânsito no Rio. Está tão bem feito que seu material bem poderia ser aproveitado por outros jornais e por estações de rádio para uma campanha contra essa bagunça endêmica e assassina.

Entre as coisas interessantes que ficamos sabendo está a leveza das multas. Estacionar em lugar proibido custa 20 cruzeiros; é, evidentemente, muito pouco. Mas o que espanta é que uma infração muito mais grave e perigosa tem a multa igualzinha: avançar o sinal. Desrespeitar ao mesmo tempo o sinal e a faixa custa 30 cruzeiros.

Nesse negócio de sinal tenho reparado uma coisa: pela madrugada ele não dá nenhuma segurança; é, pelo contrário, uma isca para desastres. Quem duvidar que entre na Avenida Atlântica, depois da 1, com o sinal da esquina verde, sem ter o cuidado de olhar direitinho à esquerda e à direita.

História impressionante que vem na reportagem é a do tacógrafo. Em 1951 (não havia tacógrafo) houve 198 multas por excesso de velocidade; em 1953 (havia) o número dessas multas subiu a 94.547; em 1955 (deixou de haver) as multas foram 242. Por que acabou o tacógrafo? Porque os interessados fizeram uma campanha contra. Não os verdadeiros interessados, isto é, os pedestres e os passageiros de ônibus e lotação, mas os interessados em correr...

Vê-se também pelo suplemento da «Tribuna» que os lotações são responsáveis pela maioria dos desastres. O motivo todos sabem: o «chauffeur» corre muito, para fazer um maior número de viagens, e além disso trabalha demais para ganhar um pouco mais. Esse «fominha», como diz o povo, é naturalmente um homem nervoso, esgotado e candidato a assassino. Mas um dado que me impressionou e que acho que devia ser bem divulgado para tirar o falso cartaz de coragem dos «pintacudas» amadores é, vamos dizer assim, a paginação da morte dentro um carro. As estatísticas fornecidas pelas maiores companhias de seguros contra acidentes mostram que, em cada 100 batidas fatais, só em 6 casos morre quem vai dirigindo; em 69 casos morre a pessoa que vai ao seu lado, no banco da frente. Os restantes 25 por cento são distribuídos irrimavelmente pelos que vão atrás. O motivo é simples, e confesso que já o tinha manjado há muito tempo: o motorista, naquele instantinho negro em que sente que vai bater, **SEMPRE**, por instinto procura desviar a pancada de sua cabeça — para o de sua digníssima esposa, namorada ou amigo do lugar ao lado. Nos casos de acidentes não fatais, mas com ferimentos, a pessoa da boléia sofre ainda mais: em 72 por cento das vezes ela é que sai ferida — mesmo porque o motorista sempre tem o apoio do próprio volante.

Ter coragem de arriscar a vida e a integridade dos outros continua, naturalmente, sendo uma coragem; mas bonito, não é. E isso sem falar dos pedestres e dos passageiros de outros carros que o «valiente» também está ameaçando. Devagar, pessoal. Quem tem razão é aquele cartaz da estrada da Samambaia: «um desastre a menos nunca é demais».